

[JOFRE SILVA]

Ph.D. em Arte e Design – Fotografia pelo Central Saint Martins, UAL (1999) e pós-graduado em Fotografia pelo Goldsmiths College da Universidade de Londres (1992). Integra a coordenação do Mestrado em Design, Centro de Pesquisa em Design, da Universidade Anhembi Morumbi, atuando ainda como professor, pesquisador, jornalista e fotógrafo.

E-mail: jofre@anhemi.br

Fotografia: design, arte ou tecnologia?

[38]

Há muita confusão a respeito das relações entre o design, a arte e a tecnologia. A ambivalência do caráter industrial e artesanal destas áreas contribui para a falta de clareza no assunto. Um outro complicador é a própria compreensão do design, palavra inglesa que requer entendimento maior do que aquele experienciado em contatos superficiais com a língua, por exemplo, viagens, catálogos, revistas, websites, etc. Diretores de arte e designer tratam o projeto como uma colaboração à área.

Para entender algumas das interfaces entre o design, a arte e a tecnologia, este artigo apresenta a obra de David Hiscock, designer, fotógrafo e artista que já atuou também como pesquisador e professor do Royal College of Arts, de Londres. O impacto visual de suas imagens é causado tanto pela escolha dos temas representados quanto pelos elementos plásticos utilizados na articulação de seu discurso visual. Seu método de trabalho concilia sistemas tradicionais de produção da imagem com novas tecnologias digitais. Aos resultados de natureza híbrida, mantém ainda estágios de manipulação artesanal, pintando e desenhando sobre a superfície do papel fotográfico.

No portfólio de Hiscock, a imagem comercial ganha liberdade poética, revelando uma concepção projetual mais criativa e arrojada. O resultado final circula em contextos diferenciados. A imagem não fica mais presa ao seu anúncio publicitário de origem, adquire outra finalidade. O trabalho de David Hiscock traz esta característica.

Ilustração:
Three Graces.
David Hiscock.
Fotografia, 1988-89.
Fonte: MELLOR, 1995,
pp. 22-23.

Three Graces (Três Graças), de 1988-1989, fazem parte de um ensaio produzido originalmente para uma marca de vestuário feminino, de Londres. Em razão do seu método de trabalho, as imagens foram incorporadas à campanha publicitária do anunciante e ainda expostas como objetos artísticos. O fotógrafo admite ser visto como um profissional que tem um pé nas artes plásticas. Diretores de arte e designers tratam o projeto como uma colaboração.

As imagens de Hiscock parecem sugerir conflito, exclusão e adversidade. Talvez busquem uma identificação com o mundo do trabalho, sobrecarregado e tenso. Embora o gesto das figuras permaneça o mesmo nas três imagens, Hiscock altera o cenário que orienta o drama proposto. Em uma delas, as figuras aparecem envoltas em cores de terra e fogo. Na parte superior da composição, a esfera reflete estes mesmos tons, como se os corpos estivessem em confronto com o mundo real e humano.

Em outra imagem, as figuras lidam com um contexto celestial e adquirem uma coloração avermelhada, indicando dificuldades em encarar o mundo interior e espiritual. Tintas, marcas, traços e rabiscos sugerem um espaço em construção. Independentemente das circunstâncias externas e internas, o foco passa a ser o encontro, momento da força e da solidariedade entre as três figuras.

Mellor descreve o mundo de Hiscock como "um espaço povoado por pessoas que parecem estar em processo de treinamento espiritual, envolvidas em ritos e atos introspectivos, como se estivessem dormindo, descansando ou até mesmo perdidas, envoltas por uma beleza petrificada, cobertas por cinzas, flageladas, mortificadas, anunciando o desfecho de uma tragédia" (1995, pp. 7-8).

Hiscock define seu trabalho como um processo de manipulação fotográfica. Acredita ainda ter adquirido uma reputação por ajustar imagens. Diz que sempre tratou a tecnologia fotográfica como uma dentre todas as outras ferramentas utilizadas na construção da imagem. A fotografia, explica, não é uma coisa pura capturada pela câmera e copiada em papel. É tratada como uma parte de toda uma série de atividades que desenvolve. Embora considere vital o momento de fotografar, este não é o fim de seu trabalho.

Enquanto a maioria das fotos é tida como finalizada a partir do instante em que o filme é processado, esta etapa é apenas a metade do caminho de Hiscock. Depois de suas intervenções sobre a foto, a imagem final assume as características de um trabalho de arte. Quando atinge o estágio de refotografar essa peça, a imagem muda novamente, pois ele evita os procedimentos convencionais de reprodução de uma obra artística. Adota um sistema de iluminação seletivo, priorizando certas áreas, estabelecendo focos de atenção ou até mesmo alterando o tempo de exposição do filme.

Dependendo das condições e do tamanho dessa matriz, Hiscock pode também usar o escaner para finalizar o processo digitalmente. De qualquer maneira, essa última fase, que poderia simplesmente ser a conclusão do projeto, acaba se tornando outra etapa totalmente independente.

Na obra de Hiscock, as peças usadas para refotografar podem ser reutilizadas depois para integrar exposições de seu trabalho. A série intitulada Três Graças, por exemplo, foi apresentada tanto em lojas como em galerias. Além de romper concepções mais ortodoxas sobre o processo de construção da imagem diante das novas tecnologias, a produção de David Hiscock ajuda também a transpor barreiras rígidas e tradicionais sobre o contexto de circulação da imagem e a natureza da cultura visual contemporânea (SILVA, 2007).

REFERÊNCIAS

MELLOR, David Alan. "States of the body". In: David Hiscock – catalogue. Londres: Zeldia Cheate Press, 1995.

SILVA, Jofre (Org.). Design, arte e tecnologia 3. São Paulo: Rosari, Anhembi Morumbi; PUC-RJ; UNESP-Bauru, 2007.